

A DISCUSSÃO "PÚBLICA" SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA*

Jane Felipe **BELIRÃO**
Antropóloga, Profes-
sora Assistente II
atuando junto ao De-
partamento de Histó-
ria e Antropologia
da UFPA.

Tomar a palavra e falar sobre o nosso corpo e a nossa sexualidade já se constitui um exercício político praticado, por algumas feministas, no espaço desta Universidade. A construção de um novo discurso, de uma nova prática, é tarefa árdua, pois socialmente ainda pensamos que a sexualidade feminina "é algo muito íntimo!" e muitas mulheres ainda afirmam: "Não exponho em público"¹. Na verdade, algumas pessoas se dispõem a falar sobre o tema e as demais se limitam a ouvir. Entretanto, consideramos importante a conquista deste e de outros espaços a discussão, não precisamos mais estar confinadas.

Durante o ano de 1985, vários debates envolvendo a questão da sexualidade feminina foram feitos na Universidade. Tentamos etnografar os eventos e procuramos analisar a discussão, como forma de identificar as questões mais frequentes e o tratamento dado às mesmas. Como referência tomamos o debate "Repressão Sexual", ocorrido durante a Semana Universitária, pro-

* Trabalho originalmente apresentado e discutido no debate denominado "A sexualidade feminina" durante o Seminário sobre a Mulher-Região/Norte Brasil, em 15.05.86, em Belém-Pará.

1 Inscrição feita no painel "O que você pensa sobre a sexualidade?" afixando à entrada deste auditório, quando da realização do Seminário sobre a Mulher-Região Norte/Brasil, em 1985.

movida pelo Diretório Central dos Estudantes, e o Seminário sobre a Mulher-Região Norte/Brasil, promovido pelo Departamento de História e Antropologia.

Na busca de informações utilizamos, fundamentalmente, os documentos produzidos a partir do Seminário sobre a Mulher-Região Norte/Brasil, constituído por textos; fitas gravadas, quando da apresentação de trabalhos e discussão destes, num total de cinco horas; depoimento escrito por uma mulher que pratica prostituição e que o entregou a coordenação para ser divulgado durante o evento; é o painel "O que você pensa sobre a sua sexualidade?", citado anteriormente².

Quem discute? Como discute?

O discurso das feministas presentes ao evento caminhou no sentido de mostrar como a sociedade impôs as mulheres, basicamente, três modelos, virgem, mãe e prostituta, e conseguiu, ao longo dos séculos, instruí-las e educá-las rigorosamente para assumir tais modelos. Evidentemente, o terceiro modelo - prostituta - é imposto a quem por razões várias, se recusa a assumir os dois primeiros.

Por outro lado, as mulheres que não possuem uma visão crítica sobre a mulher em nossa sociedade, ou seja, as não-feministas, ao falarem da sua sexualidade, se exprimem através da "estratégia da passividade"³.

2 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História e Antropologia. Relatório do Seminário sobre a Mulher-Região Norte/Brasil. Belém, 1985.

3 PITANGUY, Jacqueline. Sexualidade. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História e Antropologia. Relatório do Seminário sobre a Mulher-Região Norte/Brasil. Belém, 1985.

Ao analisarmos os depoimentos das mulheres que ousam discutir o tema, percebemos que, ao falar de si mesmas dos seus corpos e de suas vidas, assumem o papel de coadjuvantes e atribuem as figuras masculinas o papel principal.

O exemplo mais gritante vem das mulheres que praticam a prostituição. A prostituta é marcada pela "educação para a submissão" e pelos princípios cristãos fortemente difundidos em nossa sociedade. Assim sendo, a prostituta constrói seu discurso a partir do "homem que a fez", "o seu autor". Narra o exercício da prostituição como algo abominável. Condena as práticas sexuais dos clientes, mesmo que em outro contexto permitam o exercício da sexualidade enquanto "algo saudável e gostoso", embora "particular"⁴.

O depoimento escrito pela prostituta não permite ao leitor, em momento algum, descobrir suas expectativas, pois a mulher se apresenta como "uma sofredora esperando por dias melhores". A prostituição, segundo o discurso, é algo transitório, que vai passar, porque "sou católica, sou filha de Deus, sou boa filha, sou boa mãe".

A sociedade não perdoa a assunção do papel de "puta" e não admite que a "puta" seja "mãe". Ser "puta" já é transgredir o modelo ideal; ser "puta-mãe" é romper duplamente as normas sociais.

Ora, o exercício da sexualidade de forma satisfatória não passa pelo enquadramento em uma das molduras a nós "destinadas". Todas nós possuímos desejos que o modelo de virgem-mãe e suas prescrições não atende. O pleno exercício da sexualidade envolve comportamentos prescritos em nossa sociedade as "putas", especialmente quando não queremos filhos(as), e as "putas-mãe", quando desejamos e/ou possuímos filhos

4 Inscrição feita no painel anteriormente referido.

(as).

Mulheres e homens sabemos disso, e talvez por isso uma das cenas descritas pela prostituta seja mais comum do que possamos imaginar. Quando o cliente diz: "Olhe eu quero que você faça tudo gostoso comigo para que minha esposa veja, para que ela aprenda como se deve ser mulher na cama para o marido". Ele revela nossos modelos e a necessidade que temos de romper com eles, independente das outras questões que possamos visualizar.

O cliente não está preocupado com a satisfação sexual da companheira, seja ela a prostituta ou a esposa. Está interessado em satisfazer a si mesmo. É interessante observar que o pleno exercício da sexualidade passa pela satisfação de cada uma das pessoas envolvidas; entretanto, tratando-se das relações homem/mulher, segundo as normas vigentes o homem busca satisfação e a mulher procura ajudá-lo, não se questionando a satisfação feminina.

Constatamos, através dos depoimentos e das polémicas, que, o discurso sobre a sexualidade ainda é feito tendo como referência, quase exclusiva, os órgãos genitais.

Há no painel uma inscrição que foge a regra e afirma:

"A minha sexualidade não está apenas na minha cabeça, está no meu corpo inteiro, inclusive na cabeça. Começa pelo meu amor por mim mesma, no modo como posso acariciar meu corpo sem medo ou culpa, e se estende ao corpo do outro a quem dou prazer e de quem recebo prazer".

É importante registrar que as pessoas não inscreveram pornografias no painel, se mantiveram dentro das expectativas sociais.

Não há inscrições que fujam do padrão heteros-

sexual, algumas sendo, inclusive, muito claras. Por exemplo: "Penso que os homens e as mulheres se completam na sua sexualidade".

Reputamos a atitude das pessoas que ousaram se manifestar, ainda que de forma anônima, extremamente séria. Acreditamos que este, talvez, seja um dos indicadores da necessidade de aprofundar e ampliar a discussão.

Anotamos, através desta viagem pela discussão do tema, que algumas questões são trazidas a público pelas mulheres não-feministas com muita timidez. É o caso da reprodução humana.

No Seminário do ano passado, quando da discussão do texto de Lucila Scanove denominado "Afim o que é maternidade?", estavam presentes temas como concepção, contra concepção e aborto. Entretanto, pouca polémica suscitou o assunto. Por que?

Acreditamos que a interrupção de uma gravidez ainda é um tema tabu, que polariza a sociedade. Entretanto, é importante registrar que a discussão sobre o aborto avançou. Hoje, nas escolas de 1º grau já se fazem debates sobre o assunto, e já é possível encontrar pessoas que defendem o aborto, nos casos previstos em lei.

O que propomos?

As questões costuradas neste texto não exaurem a riqueza do material por nós examinado. Nosso objetivo é registrar pontos sobre a sexualidade feminina que precisam ser resgatados, discutidos em profundidade e encaminhados como propostas das mulheres.

Acreditamos ser necessário:

- romper com os modelos sociais impostos as mulhe

res;

- lutar pela reapropriação de nosso corpo, de nossa sexualidade;
- criar condições sociais para escolhermos ter ou não filhos(as), no momento desejado e sem riscos de vida.

Para alcançarmos êxito, a nível de Belém, teremos que criar organização(ões) comprometidas(s) com a discussão feminista encaminhada diariamente para, desta maneira, juntarmos nossas vozes às vozes que antes de nós ousaram tratar das questões, até então, tidas como "privadas".

EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM BELÉM

Contribuições ao estudo sobre condições de trabalho e relações sociais no emprego doméstico*

Maria Cristina Alves **MANESCHY**
Socióloga, professora auxiliar
II atuando junto ao Departamento
de Ciências Sócio-Políticas
da UFPA.

INTRODUÇÃO

O emprego doméstico constituiu tradicionalmente um dos maiores absorvedores da força de trabalho feminina no país¹. Essa importância persistiu, durante o processo de urbanização e industrialização do país ao longo deste século, chegando inclusive o emprego doméstico a constituir, em 1970, a principal ocupação das mulheres empregadas no Brasil (31%), posição esta que se manteve em 1980, ainda que diminuindo em termos relativos (22,9% do total)².

* Trabalho originalmente apresentado e discutido na mesa redonda denominada "Mulher e Trabalho" durante o seminário sobre a Mulher - Região Norte / Brasil, em 14.05.86, em Belém - Pará.

A elaboração do estudo a que se refere este artigo, contou com a orientação da Prof^a Lindalva Teixeira e da Prof^a Rosa Avedo, da UFPA e com a colaboração da empregada doméstica Margarida Vasconcelos, a quem agradecemos.

¹ Em 1872, as trabalhadoras no país estavam engajadas principalmente na agricultura (35%), nos serviços domésticos remunerados (33%) e como costureiras (20%). Cf. SAFFIOTTI, H. Emprego doméstico e capitalismo. Rio de Janeiro, Avenir, 1979. p. 10.

² RETRATO DO BRASIL. São Paulo, 3 (6): p. 35.